

VIAGENS E VISITAS TÉCNICAS: RELATOS INICIAIS DE EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA UEG – CAMPUS CALDAS NOVAS

TRAVELS AND TECHNICAL VISITS: INITIAL REPORTS OF EXPERIENCES IN UEG – CALDAS NOVAS CAMPUS

JEAN CARLOS VIEIRA SANTOS

Bolsista de Incentivo ao Pesquisador (BIP) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás (PrP-UEG). Doutor, Mestre e Graduado pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (IGU-FU); Pós-doutorado em Turismo pela Universidade do Algarve / Portugal. Professor Efetivo da Universidade Estadual de Goiás - UEG, cursos de Hotelaria, Gastronomia e Administração (Campus Caldas Novas)
svcjean@yahoo.com.br

CARMEN CÉLIA LIMA PESSÔA

Professora da UEG Campus Caldas Novas. Especialista em Formação para o Magistério. Faculdade de Ciências e Letras Plínio A do Amaral, FCLPAM, Brasil
carmencialimapessoa@gmail.com

RONALDO DO NASCIMENTO CARVALHO

Professor do curso de Administração da Universidade Estadual de Goiás – UEG / Campus Caldas Novas
dr.ronaldocarvalho@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo central suscitar uma discussão acerca de viagens e visitas técnicas, abordando o conhecimento a partir de experiências vividas e da realidade observada, analisada e contextualizada no tempo e espaço. Sabe-se que o turismo científico, no universo escolar e universitário, é um momento importante de inserção de acadêmicos e professores pesquisadores nos lugares e na região. Nesse contexto, o recorte espacial desta investigação se refere a relatos iniciais sobre a realidade dos cursos de graduação da Universidade Estadual de Goiás (UEG), *Campus* Caldas Novas. Como resultado, a pesquisa descreve os depoimentos de docentes responsáveis por organizar e desenvolver as viagens científicas que também apresentam um cunho turístico e de conhecimento cultural.

Palavras-chave: Visitas Técnicas. Viagens. Cultura. Turismo.

Abstract: The main objective of this article is to present a discussion about travels and technical visits, approaching knowledge based on lived experiences and the observed, analyzed and contextualized reality in time and space. It is known that scientific tourism in the scholar and university universe is an important moment of insertion of academicians and research professors in the places and region. In this context, the spatial clipping of this investigations refers to the initial reports about the reality of undergraduate courses at Universidade Estadual de Goiás (UEG), *Campus* Caldas Novas. As a result, the research describes the testimonials of teachers responsible for organizing and developing the scientific expeditions that also present a tourist and cultural knowledge mark.

Keywords: Technical Visits. Travels. Culture. Tourism.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo nuclear apresentar uma abordagem acerca de viagens de campo, abordando o conhecimento a partir de experiências práticas, da realidade

observada e contextualizada em diferentes territórios. Sabe-se que o turismo científico, no universo escolar e universitário, é um momento relevante de inserção de acadêmicos e professores pesquisadores nos lugares, paisagens e regiões. Para Oliveira e Bueno (2009, p. 49), as viagens científicas e visitas técnicas são importantes:

[...] para estudantes de Turismo, Geografia, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Técnico e diversas áreas do saber, pois comporta uma multiplicidade de ações e práticas educativas que tanto pode se dar no âmbito da própria área como na interação com outras, como é o caso da Geografia com a Biologia, Literatura, Arquitetura e outras [...].

Nesse contexto, o recorte espacial desta pesquisa aborda relatos iniciais sobre a relevância das visitas técnicas nos cursos de graduação da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – *Campus* Caldas Novas. Como resultado, a investigação descreve os depoimentos de professores responsáveis por organizar e desenvolver as viagens científicas que também apresentam um cunho turístico e de conhecimento cultural.

Sob esse viés, compreende-se que “a cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte” [...] (CLAVAL, 1999, p. 63). Desse modo, pode-se dizer que o desenvolvimento de viagens ou visitas técnicas por parte de docentes é importante para a aprendizagem e permite uma oportunidade “[...] de construir o conhecimento a partir da realidade observada” (SCHAFFER, 1999, p. 84).

Veloso (2007, p. 17) define o empírico como visita técnica, o que certamente é o melhor ensinamento teórico e prático:

A aparelhagem para a realização da visita técnica deve se basear no empirismo e na racional (real) conjuntamente, ou seja, no que é visível e formal e no que é contado e certificado (demonstrado, legítimo). Como o próprio termo diz: Visita (vistoria, inspeção, ato ou efeito de visitar, de ver, por dever, por interesse ou por curiosidade) e técnica (maneira, jeito ou habilidade especial de executar ou fazer algo), mostram, dessa maneira, a presença científica ao mesmo tempo “processual e providencial” do conhecimento de determinado produto para estudos, curiosidade ou valorização pessoal.

Para Veloso (2007), Santos e Silva (2014), a visita técnica deve se basear no aprofundamento do conhecimento do objeto anteposto para estudo, análise e avaliação. Nesse sentido, Santos et al. (2010) escrevem que um estudo da observação (de paisagens, empresas, cidades e outros) por meio da percepção se fundamenta, essencialmente, em como cada indivíduo percebe, reage e responde à sua interação, no que tange aos elementos do ambiente.

Pode-se dizer que a referida pesquisa utiliza os métodos analíticos e de estudo de caso, pois se entende que existe uma relação próxima entre eles (ARAÚJO, PEREIRA, SANTOS, 2017). Sendo assim, inicialmente, é possível salientar as palavras de Boaventura (2007, p. 55), ao afirmar que se “[...] o estudo é do presente, pode-se utilizar o estudo de caso”. É, porquanto, uma investigação que parte da observação de atividades escolares / universitárias por meio da percepção de seus professores organizadores, fundamentando-se essencialmente em como cada indivíduo percebe, reage e responde à sua interação, no tocante aos elementos do ambiente.

Quanto aos aspectos metodológicos, a pesquisa foi dividida em duas fases. A primeira diz respeito ao levantamento das referências, discutindo a parte conceitual; e a segunda apresenta resultados e análises por meio de depoimentos informais de professores / coordenadores / organizadores de atividades exógenas à sala de aula na UEG – *Campus* Caldas Novas, colocando em jogo não somente a produção de conhecimento no sentido clássico do termo, mas também a relação estabelecida entre docente e acadêmico, observador e observado, numa troca de conhecimento acerca do ensino e lugares de interesses diversos.

Nesse entremeio, Santos (1999, p. 120) diz que a visita técnica promove um contato, ou seja, é a “[...] análise voltada para as tendências de interpretações que os pesquisados promovem do mundo, num movimento dinâmico orientado pelas determinações do lugar”. De fato, essa atividade é fundamental na construção do presente artigo.

O ENSINO FORA DA ESCOLA E O TRABALHO DE CAMPO: UMA ABORDAGEM TEÓRICA

Esta fase da pesquisa descreve e analisa a atividade científica planejada, organizada e realizada pelos professores da UEG – *Campus* Caldas Novas. De acordo com Moura e Silva (2009, p. 9-10), o preparo da visita técnica exige:

[...] um esforço alargado e apresenta desafios especiais para o professor e a universidade, fazendo-se necessários o planejamento, a sensibilização dos graduandos envolvidos, bem como as providências materiais (GPS, máquinas fotográficas, cadernos de campo, entre outros), contatos com hotéis, restaurantes e guias, e, finalmente, a produção de roteiros com as atividades a serem desenvolvidas.

Essa obra ainda cita que a pesquisa empírica deverá garantir abordagens interpretativas da realidade visualizada, quer seja um campo local, regional ou nacional. Moura e Silva (2009, p. 16) veem as visitas técnicas como excursões de campo, “[...] pesquisas que têm apresentado contribuições para o entendimento das relações socioespaciais

produzidas pelo segmento e, com isso, uma melhor forma de uso do solo, do meio ambiente e dos diversos recursos humanos”.

Nesses termos, as palavras de Santos (1999, p. 117) não são menos significativas, pois indicam que uma viagem turística pedagógica ou visita técnica:

[...] vai além da coleta de dados para o desenvolvimento de uma pesquisa comprometida com a realidade das populações, visto que será também um esforço acurado do pesquisador em lapidar esse diamante, que é a memória das populações em relação ao vivido. Esses procedimentos exigirão dos pesquisadores um respeito radical pelos modos de sentir, pensar e agir e reagir do outro.

A literatura citada demonstra ainda que, a partir da memória e do gênero de vida das populações pesquisadas, é possível extrair e lapidar os elementos que permitam compreender com profundidade os sentimentos e as experiências que tornaram possível a vida das pessoas no lugar. Esse procedimento permite professores e acadêmicos analisarem as transformações de mercado, empresas e territórios diversos. Em reforço, assevera-se que:

[...] o trabalho de campo é benéfico e cumpre seus objetivos científicos e pedagógicos. Portanto, dizemos que ele foi utilizado para vários fins pelos povos, correntes científicas e escolas geográficas; e, cabe ao geógrafo entoar a significância dessa atividade, onde o campo é um laboratório (CARNEIRO, 2009, p. 105).

Com a discussão aqui feita, acredita-se que o turismo científico possibilita os acadêmicos da UEG – *Campus* Caldas Novas registrarem seus entendimentos sobre empresas públicas e privadas, e essa presença nos lugares é uma “[...] oportunidade de melhorar a percepção e compreensão das diversas manifestações que ocorrem no espaço” (SANTOS, 2010, p. 30), imprescindível para vivenciar as implicações relativas aos aspectos humanos, comerciais, mercadológicos e de negócios.

A posição ora descrita se refere à realidade dos acadêmicos dos cursos de Administração, Tecnologia em Gastronomia e Tecnologia em Hotelaria da UEG – *Campus* Caldas Novas. Nesse ínterim, Cavalcante (2007, p. 72) pondera que uma viagem científica desenvolvida fora da escola/universidade é “[...] laboratório vivo de pesquisadores de diversas instituições e localidades. São geógrafos, biólogos, geólogos, turismólogos, historiadores, entre outros profissionais [...]”. Além disso, os trabalhos de campo são primordiais para:

[...] desestabilizar o pesquisador e desafiá-lo a ir além, a responder a novas perguntas que surgiram a cada novo movimento. O trabalho *in loco* tira-o do senso comum, dos limites das páginas dos livros e é a melhor maneira de fazer com ele sinta o objeto de estudo e se integre com o mesmo, podendo ler a paisagem, espacializar a pesquisa e desvendar a problemática (MARQUES, 2017, p. 23).

Nesse sentido, pode-se apropriar das palavras de Santos e Santos (2015), que explicam que os trabalhos de campo, as viagens científicas ou as visitas técnicas permitem aos

acadêmicos e professores mergulhar e viajar num mundo onde os sujeitos combinam o velho e o novo em distintas proporções, criando ressignificações das práticas socioculturais. A partir dos territórios estudados, é possível compreender as conquistas, perdas e demandas que acompanham a história dos povos.

De acordo com Braga (2011), Rezende e Santos (2013), tais atividades compõem estratégias para a produção do conhecimento. Nas práticas escolares e/ou acadêmicas, elas são apropriadas por quase todas as concepções de ensino ou de ciência, com destaque para as correntes empiristas. Desse modo, é possível sistematizar alguns depoimentos que estão associados às visitas técnicas realizadas por alunos e professores da UEG – *Campus* Caldas Novas.

A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE CULTURAL DO PROFESSOR EM SUA PRÁTICA DOCENTE

Conforme os contributos teóricos ressaltados neste texto, é possível afirmar que o Brasil encerrou a última década do último milênio com uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394, promulgada em 26 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996). Uma de suas principais exigências foi a formação, em nível superior, de todos os professores, atribuindo aos municípios a responsabilidade pela Educação Infantil e pelo Ensino Fundamental.

Nesse sentido, a UEG criou um projeto de formação para trabalhadores em educação no estado de Goiás, que teve ampla aderência dos municípios da Unidade Federativa e da Secretaria Estadual de Educação. Uma das mais importantes contribuições do projeto desenvolvido na primeira década de 2000 foi o enriquecimento cultural de docentes e, especialmente, de acadêmicos que cursaram a Licenciatura em Pedagogia.

A professora e coordenadora do projeto discorre que, quando o *Campus* da UEG de Caldas Novas recebeu os discentes:

[...] pude não só planejar e colaborar, como também avaliar e constatar o progresso nesse quesito. A maioria deles nunca havia tido a oportunidade de ir a teatros, cinema, museus e conhecer a capital Goiânia. Parte da equipe de docentes do curso, ao constatar esse grande problema para a formação docente, planejou atividades nas quais pudéssemos levá-los a esses lugares, e desenvolvermos esse aspecto inegavelmente relevante no amadurecimento e aprendizado de contextualização dos conteúdos trabalhados no currículo escolar (Relato informal de pesquisa de campo, jun. 2017).

Assim, foram realizadas viagens a Goiânia com a finalidade de visitar o Museu da Universidade Católica. Também foi citado pela entrevistada que se alugou o cinema de Caldas Novas para exibição de filmes a serem trabalhados em atividades interdisciplinares.

Ademais, planejou-se um dia de campo cultural no teatro do Serviço Social do Comércio (SESC) da cidade, uma visita à Usina Hidrelétrica de Furnas, entre outras atividades. A professora e coordenadora das atividades culturais ainda relata que:

Todas as atividades foram realizadas pelos acadêmicos com grande entusiasmo, resultando em maior engajamento no curso, motivados pelo conhecimento e compreensão de outras realidades. A maioria dos discentes dessas licenciaturas era composta por professores da rede pública municipal de Caldas Novas. Porém, também faziam parte das turmas, professores dos municípios de Água Limpa, Corumbáiba, Rio Quente, Marzagão e Piracanjuba. Ao encerrar o projeto, os municípios participantes criaram seus Conselhos Municipais de Educação, muitos deles o Sistema Municipal, e os egressos souberam se posicionar na criação dos Planos de Carreira, dentre outras grandes mudanças positivas na educação desses municípios (Relato informal de pesquisa de campo, jun. 2017).

Nesse caso apresentado, atinente à abordagem do trabalho de campo ou da visita técnica, pode-se destacar as palavras de Alves (1984), em que o desenvolvimento dessas atividades lúdicas não é coisa que se tenha inventado, e sim ensinado; não foi necessário pensar: gostou e foi para a memória. Essa é a regra fundamental desse computador que vive no corpo humano: só vai para a memória aquilo que é objeto do desejo. A tarefa primordial do professor, por sua vez, é seduzir o aluno para que ele deseje e, com isso, aprenda.

A sedução é impossível, e inexistente o desejo de aprender quando não há o entendimento acerca da utilização dos conteúdos programáticos no cotidiano, tornando a tarefa de aprender sem prazer, como mostra o depoimento a seguir:

[...] Não há de se minimizar o papel do ensino/aprendizagem de conteúdos em qualquer curso de graduação. No entanto, é visível o desenvolvimento dos educandos quando a Universidade os insere, através de atividades extracurriculares, nos ambientes culturais ricos em estímulos, pois através deles é possível contextualizar as teorias ministradas na sala de aula e ampliar seus horizontes (Relato informal de pesquisa de campo, jun. 2017).

Outro exemplo que merece destaque é a atividade realizada em junho de 2017, na cidade de Foz do Iguaçu/PR. Acadêmicos e professores da UEG – *Campus* Caldas Novas participaram do 11º Fórum Internacional de Turismo do Iguaçu, com a temática Turismo e Cidades Criativas, um evento complementar ao Festival das Cataratas. Convém salientar que esse é um dos principais e maiores eventos técnico-científicos do setor no Brasil.

Durante os horários livres, professores e acadêmicos dos cursos de Administração, Técnico em Gastronomia e Técnico em Hotelaria aproveitaram para conhecer outras lógicas que ocorrem na região, ao visitarem o Parque Nacional das Cataratas do Iguaçu, a Usina Hidrelétrica de Itaipu e os territórios de fronteiras (Brasil, Paraguai e Argentina). Nesse contexto, o professor coordenador da viagem arrazoá que:

Os conglomerados econômicos têm a função de mostrar valores e criar expectativas nos acadêmicos. Desta forma, visa-se construir e solidificar a relação acadêmico x comunidade x sociedade empresarial. Os alunos buscam vincular seu conhecimento prático ao contexto escolar, por meio do exercício do conhecimento e da oportunidade de conhecer uma realidade diversa à de seu cotidiano. A atividade e a oportunidade de visita técnica têm o fulcro de proporcionar experiências ímpares, no intuito de preparar o mesmo [sic] para a competitividade do mercado de trabalho em um futuro próximo, por sua relevância, pois são nestas oportunidades que a teoria encontra a prática. A empresa Itaipu Binacional é a única no mundo que gera energia e proporciona a sustentabilidade do país, bem como a responsabilidade social e ambiental (Relato informal de pesquisa de campo, jul. 2017).

Dessa maneira, os acadêmicos puderam visualizar na prática a teoria aprendida em sala de aula sobre administração estratégica, sistema de informações gerenciais, gestão de pessoas, enfim, as aéreas que abrangem os cursos de Administração, Tecnologia em Gastronomia e Tecnologia em Hotelaria na UEG – *Campus* Caldas Novas. O entrevistado lembra que a visita técnica teve os objetivos atendidos, pois houve integração positiva entre os envolvidos.

Os acadêmicos puderam conhecer uma realidade que certamente irá valorar a vida profissional a partir do conhecimento das grandezas e diversidades do Brasil, bem como de seus países vizinhos e parceiros do Mercado Comum do Sul (Mercosul), Argentina e Paraguai. As experiências e abordagens teóricas apresentadas se associam ao que Silva et al. (2017, p. 87) descreve sobre a importância de se desenvolver e aplicar práticas pedagógicas no ensino, pois:

[...] vai além do interesse do professor em querer ensinar o conteúdo específico de sua disciplina, pois o mesmo não se limita a apenas transmitir o que o material didático lhe propõe, mas sim facilitar a assimilação, discussão e compreensão do estudante ao que lhe é proposto, além da sua aplicabilidade física, científica, econômica, política e social. Por meio desta perspectiva e com um olhar social e geográfico local o professor parte da ideia de que este conteúdo trabalhado em sala de aula possibilita tanto ao aluno como a quem convive com o mesmo uma nova leitura e compreensão de mundo [...].

Em consonância às ideias do referido autor, a visita técnica deve se basear no aprofundamento do conhecimento do objeto anteposto para estudo, análise e avaliação. Nesse sentido, “[...] as respostas ou manifestações dos observadores são resultantes de percepções, de processos cognitivos, interesses e motivações individuais” (FELTRAN FILHO et al., 2010, p.77). Santos (2013), Marques (2011), Rezende e Santos (2013) alegam que o trabalho *in loco*, além de enriquecer a pesquisa com material ilustrativo e fontes primárias, permite ler a paisagem, espacializar a investigação e decifrar/desvendar a problemática, desenvolvendo o trabalho e buscando respostas aos questionamentos levantados.

De acordo com os professores entrevistados, em alguns momentos das visitas técnicas realizadas em locais como o cinema de Caldas Novas e o Parque Nacional das Cataratas do Iguaçu, o inesperado se impôs, fazendo reavaliar o cenário posto e superar as barreiras da observação. Diante do objetivo central, deve-se fazer uma breve referência a Moura e Silva (2009), para os quais a pesquisa empírica deverá garantir abordagens interpretativas da realidade visualizada, seja ela um campo local, regional, nacional ou de dimensões internacionais, como pode ser verificado na cidade de Foz do Iguaçu e nas fronteiras próximas. Nesse contexto, a visita técnica, viagem científica ou trabalho de campo é:

[...] um recurso muito importante e útil para a academia desvendar as lógicas sociais que operam em cada lugar. Mostrando a importância de valorizar o espaço [...]. Por meio do empírico há as entrevistas, as observações e o levantamento fotográfico [...]. É um olhar que transpassa as aparências e busca fazer história com intensidade, por intermédio da documentação detalhada e reconhecidamente singular [...] (SANTOS; SILVA, 2014, p. 44).

Com base nos apontamentos teóricos e depoimentos apresentados, não se pode deixar de reconhecer que professores/organizadores de visitas técnicas da UEG – *Campus* Caldas Novas são sujeitos sensibilizados com práticas executadas fora da escola/universidade, numa perspectiva única de viver um ambiente que não seja a tradicional sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As possibilidades de uso de diferentes ambientes para o ensino fora da escola e/ou da universidade revelaram, neste artigo, uma busca desencadeada pela necessidade de desenvolver práticas sociais, sentidos, sentimentos e relações com o meio. No entanto, sabe-se que, a partir dos apontamentos ora postos, é fundamental que professores e acadêmicos estabeleçam regras de conscientização e uso sustentável de áreas e empresas visitadas, colocando, nos projetos de campo, normas que determinem a obrigatoriedade de menor impacto às paisagens estudadas, com respeito às suas fragilidades.

O trabalho de campo, a visita técnica ou a aula campo fora da escola – que antigamente eram chamados de excursões escolares – podem ser definidos como viagem de estudo do meio, turismo pedagógico ou educacional. Trata-se de mais um recurso para a aprendizagem e o conhecimento, e não de uma simples saída de turismo, lazer e entretenimento, embora, em certos casos, as escolas adotem também esse tipo de programa, visando principalmente à integração de alunos e docentes. Nesse entremeio, é preciso destacar

que a discussão conceitual apresentada está longe de se esgotar, pois há vários trabalhos produzidos por geógrafos, turismólogos, administradores e outros professores pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. C.; PEREIRA, J. A.; SANTOS, J. C. V. dos S. F. Porto Gouveinha, uma paisagem e suas travessias: um mosaico de encontros e reencontros entre as culturas mineira e goiana. **Revista GeoNordeste**, v. XXVIII, n. 2, p. 26-41, dez. 2017.

ALVES, R. **A alegria de ensinar**. São Paulo: ARS Poética, 1984.

BOAVENTURA, E. M. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

BRAGA, R. B. A (re)significação do conceito de natureza e ambiente no ensino básico: um reflexão sobre as heranças iluministas e o trabalho de campo como mediação pedagógica. In: CAVALCANTE, L. de S.; BUENO, M. A.; SOUZA, V. C. de. **A produção do conhecimento e a pesquisa sobre o ensino de Geografia**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 3 set. 2017.

CARNEIRO, V. A. **Concepções de trabalho de campo e ensino de Geografia nas licenciaturas do Sudeste Goiano**. 2009. 272 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

CAVALCANTE, M. B. Parque Estadual da Pedra da Boca/PB: um olhar sobre o planejamento do ecoturismo em unidades de conservação na Paraíba. **Revista OKARA: Geografia em Debate**, v. 1, n. 2, p. 62-78, 2007.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

FELTRAN FILHO, A.; SANTOS, J. C. V.; MASSOCHINI, L.; COSTA, A. G.; ASSUNÇÃO, W. L. Visita ao Deserto do Atacama – Norte do Chile: olhares e percepções geográficas. **UEG em Revista**, v. 1, n. 6, n.p., dez. 2010.

MARQUES, L. M. **A Festa em Nós: fluxos, coexistências e fé em Santos Reis no Distrito de Martinésia – Uberlândia (MG)**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

MARQUES, L. M. **A peregrinação ao sagrado: os caminhos que levam à Romaria**. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

MOURA, P. S.; SILVA, M. L. Trabalho de campo nas paisagens turísticas do Destino Canastra – Minas Gerais. In: SANTOS, J. C. V. (Org.). **Paisagens e destinos turísticos na pesquisa geográfica**. Uberlândia: Comoser, 2009. Cap. 1, p. 9-26.

OLIVEIRA, F. F. de; BUENO, K. F. Estudantes turistas na cidade de Lagoa Santa (Goiás): das águas termais ao relatório de campo. In: SANTOS, J. C. V. (Org.). **Paisagens e destinos turísticos na pesquisa geográfica**. Uberlândia: Comoser, 2009. Cap. 3, p. 45-56.

REZENDE, N. A. P.; SANTOS, J. C. V. Turismo científico nas cidades do entorno do Parna Emas (GO/MT/MS). In: SIMPÓSIO DE TURISMO SERTANEJO, 7., 2013, Ituiutaba. **Anais...** Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2012.

SANTOS, J. C. V. **Políticas de regionalização e criação de destinos turísticos entre o Lago de São Simão e a Lagoa Santa, no Baixo Paranaíba Goiano**. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

SANTOS, J. C. V. **Região e destino turístico: sujeitos sensibilizados na geografia dos lugares**. São Paulo: AllPrint, 2013.

SANTOS, J. C. V.; SANTOS, R. J. dos. Conteúdos das paisagens camponesas de um lugar chamado Pedra Lisa. **Revista Mirante**, v. 8, n. 2, p. 101-118, set. 2015.

SILVA, A. L. da; SANTOS, I. F. dos; ASSUNÇÃO, P. H. M. de; SILVA, D. dos S. F. Práticas pedagógicas que facilitam o processo de ensino/aprendizagem em geografia. **Revista Mirante**, v. 10, n. 3, p. 86-96, ago. 2017.

SANTOS, J. C. V.; SILVA, M. N. Um dia de Campo e lazer na Cachoeira Vale do Cedro (Distrito de Riverlândia/Rio Verde/GO). **Revista Territorial (UEG)**, v. 3, n. 2, p. 41-58, jul/dez. 2014.

SANTOS, R. J. Pesquisa empírica e trabalho de campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. **Sociedade & Natureza**, n. 11, n.p., jan./dez. 1999.

SCHAFFER, N. O. Ler a paisagem, o mapa, o livro – escrever nas linguagens da Geografia. In: NEVES, I. C. B. (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999, p. 84-101.

VELOSO, M. P. **Visita técnica: uma investigação acadêmica**. Goiânia: Kelps, 2007.